

Um olhar sobre a poética do espaço e a casa pós-pandêmica

André de Freitas Ramos (*)

EBA-UFRJ

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 174-177. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: enero 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: O conceito que temos do que é “casa” sofreu atualização a partir da pandemia de COVID-19. Será apresentado material audiovisual desenvolvido pelos alunos para a disciplina Mídia Digital I do Curso de Comunicação Visual Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As obras foram produzidas antes e durante a pandemia e analisadas sob os olhos da fenomenologia bachelardiana enriquecida por aspectos da Media Ecology.

Palavras chave: Comunicação Visual – Media Ecology – Poética do Espaço – casa – COVID-19.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 177]

O presente ensaio aborda como a pandemia de COVID-19 afetou profundamente as relações que temos com o espaço, principalmente o ambiente doméstico. Será apresentada uma compilação dos trabalhos discentes desenvolvidos para a disciplina Mídia Digital I, uma disciplina obrigatória do Curso de Comunicação Visual Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para o trabalho final da disciplina, os alunos desenvolvem uma obra audiovisual a partir da leitura e discussão do texto “A Casa, do porão ao sótão - O sentido da cabana”, do livro *A Poética do Espaço* de Gaston Bachelard, o autor introduz a ideia de que a casa é um ambiente que se define além das paredes, janelas ou portas e sua natureza engloba relações de memória, afeto, intimidade e carrega em si, uma existência que abriga não somente o corpo, como também alimenta a mente.

“Nossa casa fazia para mim às vezes de cabana. Nela eu me sentia seguro contra a fome e contra a sede. eu tremia, era só de bem-estar.”

Os trabalhos desenvolvidos para a disciplina já foram apresentados no Congresso de Ensino de Design em 2019 e são agora analisados dialeticamente com aqueles criados durante a pandemia. A brutal modificação da realidade gerou mudanças nas questões objetivas e subjetivas na percepção dessa dimensão poética que a casa proporciona. Este processo investigativo que envolve uma reflexão a partir desta poética do espaço atua em contraponto a dimensão oculta proposta por Edward T. Hall, que por sua vez, define os diversos espaços interpessoais que os seres (os humanos inclusive) estabelecem no convívio cotidiano.

A urgente necessidade de revisitarmos os conceitos relacionados às quatro distâncias interpessoais observadas por Hall e que se definem por: íntima, pessoal, social e pública. Atualmente uma grande parte das interações acontecem intermediadas, tornando conceitos como próximo e longínquo, ambíguos e voláteis, pois o mundo ainda vive as ondas desta pandemia e as ações de relaxamento são apenas interstícios para novas restrições.

Segundo Bachelard (2008) o conceito de casa reúne afetos, memórias, relações de intimidade e segredos, é a vida se manifestando além da materialidade fria dos objetos. Sua natureza é definida por uma topologia peculiar que organiza a partir do próprio espaço em si. Local de abrigo, de encontro com memórias e pessoas, um sítio para construção de relações de afeto, a casa é um local de acolhimento.

Etimologicamente falando, o conceito de casa deriva de DOMUS, palavra latina que designa o ambiente onde viviam e ao observar sua raiz, percebe-se existir certa convergência semântica com o proto-indo-europeu dóm, da raiz demh-, construir. São cognatos o grego antigo δῶμος, domos (casa), o albanês dhomë (quarto), o sânscrito दाम, dame (casa), e o proto-eslavo domъ, (casa). Sua natureza etimológica é preservada em suas derivações e assim dizemos que os indivíduos têm um **domicílio** e o animal selvagem após seu adestramento se torna **domesticado**. Com a pandemia de COVID19 que se alastrou no início de 2020 por todo o mundo e sem que houvesse medicação ou tratamento de eficácia comprovada foram adotadas medidas de distanciamento social. As pessoas se viram obrigadas a permanecer em suas casas na intenção de conter a curva de infecção e adiar um colapso do sistema de saúde. A partir de março de 2020 as medidas de isolamento obrigaram as pessoas a ficar em casa. As aulas da rede pública foram suspensas e a boa parte dos serviços passaram a ser realizados dentro de casa. O *home-office* se tornou a única opção e várias empresas passaram a adotá-lo de forma extensiva. Neste contexto, o computador e, principalmente, a internet tornaram-se os principais elementos da vida cotidiana. Esta informação vai no encontro com os dados divulgados em 29 de maio do ano passado, pela Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio Contínua, (PESQUISA = INVESTIGAÇÃO) a PNDA-C, onde domicílios com computador e tablets reduziu de 43,4% dos lares em 2017 para 41,7% no ano seguinte. O mesmo fenômeno ocorreu com o número de tablets, que também tiveram redução, em contraponto a tudo isso, o número de celulares atingiu o percentual médio de 79,3% dos entrevistados, chegando a 84,1% na

região Centro-oeste do país enquanto que na região Norte esse percentual é de apenas 60,4% nos lares brasileiros. A partir destes dados recolhidos, pareceu a este investigador que no lugar de um objeto ou eletrodoméstico que ocupasse um lugar de destaque, tal qual a televisão foi no passado, o elemento que tornou-se central nas casas passou a ser a Internet em toda a sua imaterialidade. Acessada através do computador, do celular e até mesmo pelas SmartTVs, esse incomensurável universo digital se tornou O meio, no sentido McLuhaniano da palavra pelo qual toda e qualquer informação trafegava e com isso, a vida prosseguia. Usar a internet para estudar, trabalhar, se comunicar, confraternizar, ver filmes, ouvir música ou assistir *lives*, se tornou o novo paradigma da vida pós-pandêmica.

A disciplina de Mídia Digital I está presente na grade curricular do curso de comunicação visual design da Universidade Federal do Rio de Janeiro e localizada no terceiro período é dividida em duas turmas. Ela caracteriza-se por apresentar os conceitos básicos de comunicação e propor a discussão sobre a imagem, sua evolução histórica e técnica. A jornada se inicia a partir da imagem estática ganhando movimento e migrando para os mais diversos suportes midiáticos e durante o percurso o aluno é apresentado a questões semióticas, introduzido às técnicas e explorando as linguagens visuais para com isso estabelecer uma narrativa audiovisual. Desde o primeiro semestre letivo de 2019 a disciplina conta com um trabalho final que tem como tema o ambiente doméstico e é orientado a partir da leitura e discussão do primeiro capítulo intitulado “Do porão ao sótão, o sentido da cabana” presente no livro “A Poética do Espaço” de Gaston Bachelard. A dinâmica adotada na disciplina consiste em dividir cada uma das turmas em grupos, que variam entre três e quatro componentes. Após a leitura do texto, os alunos se reúnem e estabelecem coletivamente uma proposta de projeto final para a disciplina. O interessante no exercício é o fato de que ele não se fundamenta na percepção individual do que define o espaço “casa”, mas suscita uma compreensão mais abrangente e ampla e que se constrói a partir de uma visão coletiva. Como dito anteriormente, o trabalho consiste em uma obra audiovisual de curta duração e que deve ser totalmente criada pelos grupos, assim como acontece em todos os exercícios, o processo de orientação se inicia com a entrega de um breve memorial descritivo sobre o projeto. Do ponto de vista do cronograma da disciplina, esta atividade se inicia a partir do terço final do período e neste momento os alunos já foram introduzidos à linguagem cinematográfica e já tiveram contato com ferramentas de edição e pós-produção de vídeo, e já detêm os requisitos básicos para o desenvolvimento da obra. Tarefas são apresentadas semanalmente e convertem-se na metodologia de projeto, tornando-se um passo-a-passo para seu desenvolvimento. O caráter poético da fenomenologia que Bachelard (1988) propõe em sua poética do devaneio, que posteriormente se expande para uma poética do espaço, encaixa perfeitamente na sugestão não de apresentar a própria casa, mas de pensar o que faz dela ser o que é, aquilo que torna paredes, portas e janelas em uma casa, algo que vai além da sua concreta materialidade, se configurando em um lugar de imaginação.

O ano letivo de 2019 foi aquilo que podemos chamar de “bonança que precede a tormenta” e olhado em comparação ao ano seguinte, torna-se relativamente evidente a transformação dessa percepção do espaço doméstico. Foram selecionados trabalhos de grupos que cursaram a disciplina em 2019-2, 2020-1 e 2020-2. Trata-se de um recorte que engloba três realidades distintas. O primeiro ocorreu de forma presencial seguindo o planejamento acadêmico de sempre, o período 2020-1, entretanto, iniciou-se tardiamente, pois o primeiro lockdown iniciado em março de 2020, coincidiu com o início das aulas, que foram suspensas e caracterizou-se pela retomada das atividades acadêmicas, que adquiriram o caráter remoto. É importante esclarecer que por questões estruturais, os períodos que naturalmente são consequentes, tiveram um hiato de quatro meses no início da pandemia seguido de um Período Letivo Especial (PLE), durante o qual, a disciplina Mídia Digital I não foi ofertada. O PLE funcionou de certa forma como preparatório para o processo de remotização das disciplinas o período 2020-1 iniciou-se em trinta de novembro de 2020 iniciando praticamente um ano depois do calendário original. Com o atraso no calendário acadêmico, o período 2020-2 iniciou-se em março de 2021, um ano após o início da pandemia. Nestes 365 dias que separam as duas realidades, a forma como nos relacionamos com o mundo modificou-se e tivemos que nos reinventar. As relações de espaço foram atualizadas na sua essência. Com o surgimento de uma nova doença, a ausência de uma vacina ou medicação e o alto número de óbitos, tornaram o distanciamento social o único recurso possível na tentativa de impedir um colapso da saúde. Ir ao trabalho tornou-se impossível, e assim como ir até a escola ou socializar, também ficaram inviáveis. A casa, outrora lugar de refúgio e espaço para o deleite, que propiciava o descanso e o devaneio, tornou-se um espaço multi-tarefas e um ambiente de produtividade. Desta forma trabalhar, estudar e confraternizar passou a acontecer dentro de casa. Este processo de reconfiguração do lar, só foi possível a partir do uso da tecnologia, mais precisamente através da internet. Esta nova casa que está conectada à rede é capaz de trazer o mundo para a nossa sala, com isso a casa torna-se, virtualmente, um meio de comunicação. A seleção de trabalhos criados pelos alunos do curso diante destas realidades distintas suscita um questionamento sobre a forma como o ecossistema informacional que a internet já propiciava ao ambiente doméstico passou a estabelecer um novo rol de possibilidades, gerando novas topologias e usos. A casa pós-pandêmica foi invadida por tudo aquilo para o qual antes servia de refúgio, não perdeu sua essência, mas expandiu-se e ressignificou-se.

Para exemplificar a tese da mudança desse olhar, foram selecionados alguns trabalhos discentes. Entre os trabalhos entregues em 2019-2, destaquei inicialmente o “Sonhador do Lar” da autoria de Carlos Eduardo Alves da Silva, Maiko de Paula Gonçalves e Renan Nogueira Alvarez e a partir de suas próprias palavras contidas no memorial entregue:

“A ideia do projeto consiste em demonstrar, a partir de óticas diferentes, a relação e o valor de casa e

lar, sempre associando à variáveis de espaço físico e sensação de pertencimento. A ideia de usar o documentário como ferramenta de comunicação é exibir de modo mais claro e direto uma identidade pessoal que o indivíduo cria com a casa em decorrência das experiências de vida.”

O trabalho foi filmado no prédio da Reitoria da UFRJ e abriga a Escola de Belas Artes. A obra explora a linguagem de documentário, valendo-se de testemunhos dos alunos. Ela traz nas falas, que tanto enfatizam o aspecto de local de conforto, como também a sensação de estranhamento que surge a partir do próprio olhar de quem sai e, depois de um período mais longo, retorna ao lar e cria a identificação com espaço, que alimenta a sensação de pertencimento. A escolha do título se aproxima da questão proposta por Bachelard (1988) quando afirma que: “o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência” *Poética do Devaneio* (p.144). A adoção de um espaço comum a todos, onde eles passavam boa parte dos dias, não foi aleatória, pois a universidade é, de certa forma, uma extensão da casa deles.

Outro trabalho selecionado foi produzido pelas alunas Ana Carolina da Silva, Bruna Maria Vasconcellos e Clara Monteiro da Silva e chama-se:

“Alguém para chamar de lar” e o projeto é uma homenagem às suas mães e conforme consta no memorial: “O lar nada mais é do que um lugar em que nos sentimos bem e seguros, onde podemos nos apoiar em momentos difíceis, assim como um colo de mãe”

A obra caracteriza-se por uma linguagem que explora a intimidade com imagens captadas em close-up e sem qualquer instrumento de estabilização, tendo sido filmado totalmente em preto e branco, a obra apresenta fotografias antigas e tem uma trilha sonora instrumental. A peça aborda com clareza as relações de afeto e de memória que surgem desde a gestação.

O tema da gestação também surge em 2020-1 na obra desenvolvida pelo grupo formado por Hugo Frota, Manuela Castellões e Taynara Santos intitulado: “Domun”. Trata-se de uma obra intimista que apresenta na voz dos componentes suas interpretações do que é a casa para cada um. Imagens que sofreram um tratamento de filtragem que fez uso de ruídos e remete às antigas imagens de VHS e outras que faziam parte do acervo de cada um, trazendo com isso uma sensação de nostalgia. Um ponto de destaque consiste no fato de que uma das autoras descobriu-se grávida às vésperas da pandemia, e todo o seu processo de gestação, assim como o nascimento do pequeno Theo ocorreu durante o período de isolamento social. No trabalho, cada membro deu seu depoimento pessoal e as relações de afeto ficaram presentes em todo o trabalho que culminou com a frase: “Agora te vejo fora de mim, mas ainda me sinto assim, como uma grande proteção, com um grande amor e te dando força para o seu crescimento. Hoje me sinto casa”.

Em “Onde mora o coração” de Marcela Marsico, Natália Santarem e Pedro Melo a obra consiste na alternância entre um cenário criado por eles, e nele caixas de papelão

etiquetadas com palavras como: amor, afeto, carinho, momento, intimidade, imperfeições e que sobrepõem, formando um castelo de memórias. A obra traz uma alegoria com as mudanças de domicílio, e o ato de se desempacotar objetos, construindo um ambiente onírico e fantástico. No memorial eles destacaram o trecho do texto de Bachelard que utilizaram como ponto de partida: “O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: Carregamos na casa, nossos deuses domésticos.”

O trabalho evidencia que é nessa casa onde habitam as memórias e os sentimentos. Na peça criada, as imagens são apresentadas em alternância, mostrando este lugar fantástico e imagens cotidianas que definem essas relações de afeto. O filme explora o contraste entre a cor ocre presente nas filmagens das caixas no sótão com a dessaturação em preto e branco do dia-dia, que apresenta estes pequenos momentos de intimidade e que servem como argamassa desse lugar onde mora o coração.

Diante desta reformulação do espaço doméstico, alguns grupos resolveram trazer a questão do confinamento em casa e do espaço de trabalho, de estudo, de lazer e relaxamento que aconteceram simultaneamente. As medidas de distanciamento que foram impostas serviram como alimento para um olhar interno e íntimo, a necessidade de entender a casa como um espaço de segurança, conforto e encontro fez com que inadvertidamente, também dessemos acesso a entrada de outras pessoas na nossa intimidade. Ainda que intermediada por câmeras e telas, a presença virtual de estranhos ao lar passou a ser compreendida como aceitável e talvez até natural. Este é o preço a ser pago quando decidimos transformar o lar em um ambiente múltiplo, capaz de comportar a sala de reuniões, o estúdio para lives, as classes de aula ou até mesmo a mesa de bar onde socializamos e compartilhamos virtualmente uma bebida. Sem nos apercebermos, fizemos da internet a neo-divindade pós-pandêmica e apesar de tudo isso, conseguimos preservar a casa como um local de conforto.

O trabalho desenvolvido pelo grupo formado por Eduarda Ribeiro, Letícia Lessa e Luciana Vitória buscava apresentar uma casa enquanto espaço associado ao corpo humano. As autoras se baseiam na ideia de que:

O corpo serve de morada para alma enquanto este habita uma casa. A casa não necessariamente é uma estrutura feita de cimento e tijolo, mas sim um ambiente que ofereça segurança e bem-estar para o morador. A casa pode ser o universo, a rua, a residência e o ser. Pode ser tanta coisa e tudo ao mesmo tempo. São casas dentro de casas que acolhem, abrigam e protegem o indivíduo.

A proposta da obra: “Coração lá” da autoria de Arlo Correia, Renata Esperança e Willian Machado trazem a ideia de devaneio como chave para o entendimento da casa, que para eles se configura em um espaço mental onde que convergem pensamentos, memórias e afetos, atividades físicas e estados de espírito. Por suas próprias palavras: “Inspirados por estes ideais, buscamos representar os atravessamentos que constroem as casas dos integrantes

em nosso imaginário”. Os autores buscavam trazer a ideia de casa como “um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (Bachelard, 1978, p.208), ou ainda, um espaço em que “memória e imaginação não se deixam dissociar” (Bachelard, 1978, p.200). É notável que os trabalhos desenvolvidos ao longo de 2020 e 2021 reflitam as questões que a pandemia e o isolamento social trouxeram acerca das relações, com os objetos, com o outro, e também com o espaço em si. A percepção de que o ambiente doméstico sofreu profunda transformação durante este período e que a forma como ocupamos, usamos e vivemos no ambiente mais íntimo que a casa representa foi atualizado, alimenta o questionamento sobre os limites deste “novo normal” pós-pandêmico. Entender que o isolamento prolongado, a transformação do lar em um espaço multi-tarefas, a presença virtual de pessoas “estranhas” à nossa intimidade e a profunda virtualização das relações que se impuseram diante da pandemia, promoveram um processo de resignificação do espaço doméstico e que isso tem grande importância na construção das relações humanas com a forma como entendemos, habitamos e vivemos em casa.

Referências

- Bachelard, G. (1988). *A poética do devaneio* (1ª ed.). Brasil: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do Espaço* (2ª ed.). Brasil: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Hall, E. T. (1989) *A dimensão oculta* (3ª ed.). Brasil: Editora Francisco Alves

Abstract: The concept we have of what "house" is has been updated since the pandemic of COVID-19. We will present audiovisual material developed by students for the discipline Digital Media I of the Visual Communication Design Course of the Federal University of Rio de Janeiro. The works were produced before and during the pandemic and analyzed under the eyes of Bachelardian phenomenology enriched by aspects of Media Ecology.

Keywords: Visual Communication - Media Ecology - Poetics of Space - house - COVID-19.

Resumen: El concepto que tenemos de lo que es el "casa" se ha actualizado desde la pandemia de COVID-19. Presentaremos material audiovisual desarrollado por los estudiantes para la disciplina Medios Digitales I del Curso de Diseño de Comunicación Visual de la Universidad Federal de Río de Janeiro. Las obras fueron producidas antes y durante la pandemia y analizadas bajo la mirada de la fenomenología bachelardiana enriquecida por aspectos de la Ecología de los Medios.

Palabras clave: Comunicación visual - Ecología de los medios de comunicación - Poética del espacio - casa - COVID-19.

(* **André de Freitas Ramos:** Graduou-se em 1997 em Desenho Industrial pela PUC-Rio, pós-graduado em docência pela UNESA(2000), mestre (2008) e doutor (2016) em design pela PUC-Rio. Foi professor do politécnico em design gráfico da UNESA entre 1999 e 2009. Lecionou na PUC-Rio na graduação em Design e na Pós-graduação em Animação entre 2008 e 2010 quando se tornou professor permanente no curso de Comunicação Visual/Design da Escola de Belas Artes da UFRJ, ficando responsável por ministrar e as disciplinas de Mídia Digital I e Tecnologia e Produção da Imagem, relativas a História em Quadrinhos e Animação. Tem experiência na área de Design, com ênfase em animação, pós-produção em vídeo, tipografia e modelagem 3D. Desenvolve investigação na área de LudoDesign relativa à motion graphics, jogos e aplicativos para dispositivos móveis, animação, história em quadrinhos e convergência midiática. Foi Coordenador acadêmico do Curso de Comunicação Visual Design da UFRJ entre 2019 e 2021.

O design brasileiro por mãos negras: ruptura e devir conceitual

Anderson Almeida (*)

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 177-179. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: enero 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: Este artigo tenciona o conceito de design no Brasil. Na verdade, ele revisita a construção semântica deste e parte para um debate que atravessa séculos. Neste sentido, propõe analisar objetos produzidos por homens e mulheres negras escravizados entre os séculos XVIII e XIX. Para isso temos como fontes os objetos da coleção Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão, acervo do Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo – Brasil. É a partir destes objetos que apontaremos se o conceito de design pode ser entendido na produção que é anterior ao marco histórico do design brasileiro.

Palavras chave: conceito de design – escravidão – Objetos – Museu Afro Brasil.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 179]